

# **IDIOMAS ESPANHOL E PORTUGUÊS E A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA O MERCOSUL**

## ***SPANISH AND PORTUGUESE LANGUAGES AND THE DEMOCRATIZATION OF THE INFORMATION TO THE MERCOSUL***

Maria de Jesus Nascimento<sup>1</sup>

### **Resumo**

A integração cultural latino-americana depara-se com as questões lingüísticas, de origem e similaridade dos dois idiomas falados na região: espanhol e o português, além das carências do setor de informação. Referências à Comunidade Econômica Européia salientam a necessidade dos serviços da informação para o Mercosul e reiteram a importância do espanhol, segunda língua de alcance mundial, e os benefícios que esta poderá trazer para os brasileiros, no caso, profissionais da área da Ciência da Informação, face aos programas de cooperação internacional, bolsas de estudo e à abertura do mercado de trabalho.

### **Palavras-chave**

**ESPANHOL  
PORTUGUÊS  
INFORMAÇÃO – MERCOSUL  
MERCOSUL**

### **ORIGEM E ALCANCE DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL**

Se no princípio do mundo, a língua foi um fator de desintegração dos povos, no limiar do terceiro milênio, a língua não representa apenas um instrumento de comunicação e sim um veículo de introdução nos mercados econômicos e um meio pacífico de integração cultural e de unidade histórica da humanidade. Retomando Gênesis cap. 11, os filhos de Adão falavam uma só língua, até que na ambição de se tornarem célebres, decidiram construir, na terra de Senaar, uma torre cujo cume chegasse até o céu. Porém, o Senhor os castigou por sua ousadia, de forma que eles não entendessem uns aos outros. Assim, na Torre de Babel, surgiram muitas línguas e daí os homens se espalharam, cada povo falando sua própria língua, o que resulta atualmente em mais de três mil línguas faladas em todo o mundo. Destas, segundo dados do ABC (1995), apenas quatro superam os 300 milhões de falantes, e portanto são consideradas pela demolingüística como "*línguas maiores*": chinês, inglês, hindu e espanhol.

O espanhol e o português são línguas romanas derivadas do latim vulgar, modalidade do latim falado pelos comerciantes, colonos e soldados, introduzido na Península Ibérica pelo Império Romano, e que se aperfeiçoou pela própria evolução do contato com elementos pré-românicos e pela influência de outras culturas. Com a invasão da Península Ibérica pelos árabes no ano 711, os

---

<sup>1</sup> Professora da *Universidade do Estado de Santa Catarina* (UDESC). Doutora em Ciência da Informação pela *Universidad Complutense de Madrid*

cristãos permaneceram oito séculos sob o domínio dessa cultura, incomparavelmente superior, cujas diferenças lingüísticas levaram ao nascimento do Castelhana, do Catalão e do Galego-português.

Posteriormente, com a constituição do Reino de Portugal, no século XII, o português se tornou uma língua autônoma, oficial do Reino, independentemente do galego. Daí a semelhança do português com o espanhol, e conseqüentemente, os equívocos tanto na ortografia como na fonética (Dornelles, 1992). Falado em sete países de três continentes: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, que formam a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP), o português sofre variações em cada um desses países, mas segundo Silva (1994), está prestes a se realizar o velho sonho da unificação falada e escrita, através do Acordo Ortográfico Lusofônico, o que parece utópico, considerando-se as diferenças sócio-culturais desses países.

Apesar de nosso idioma oficial ser o português, a língua nativa do Brasil é o tupi-guarani que, mesmo após a chegada dos colonos portugueses, continuou sendo falada por quase 300 anos e segundo Navarro (1998), só em 1758, foi que o Marquês de Pombal tornou o português língua obrigatória, sendo falada atualmente por 160 milhões de brasileiros, com a influência de mais de dez mil tupinismos e muitos outros estrangeirismos.

Por ser a língua portuguesa emprestada ao Brasil, e sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua, Policarpo, o personagem do livro de Barreto (1991, p.48) *O triste fim de Policarpo Quaresma*, considera que a língua é a mais alta manifestação de inteligência de um povo. É a sua criação mais viva, e portanto, a emancipação política do país, certo também de que os autores, escritores e gramáticos não se entendem no tocante à correção gramatical, dirige-se ao Congresso Nacional, no Rio de Janeiro em 1893 para requerer a aprovação do tupi-guarani como língua oficial, pois "*esta era a única capaz de traduzir as nossas belezas, de por-nos (sic) em relação à nossa natureza, além de adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem.*" Para Policarpo o português era apenas uma moda.

A questão idiomática no Brasil foi sempre motivo de controvérsias e, acima de tudo, moda, tanto no aspecto da influência de outros idiomas no nosso vocabulário, quanto no que se refere aos modismos em se aprender determinados idiomas estrangeiros. Segundo Navarro (1988), o idioma português ao chegar ao Brasil, se deparou com as línguas indígenas, que naquela época, totalizavam 350, destacando-se o tupi, e como afirma Silva Neto (1979), com a necessidade dos jesuítas se comunicarem com os indígenas para fins de evangelização e alfabetização, começou então um processo de mistura de linguagens. Assim, o português, herdado dos descobridores lusitanos, tem sofrido muitas mudanças ao longo de nossa história que remonta desde a influência da língua autóctone até os estrangeirismo de nossos dias, o que diferencia a linguagem falada no Brasil da falada em Portugal.

A mescla de raças é uma das principais responsáveis pelo vocabulário do "*brasileirismo*", modismo próprio da linguagem dos brasileiros (Michaelis, 1998), que sofreu além da influência indígena, o enriquecimento com a cultura africana aportada pelos escravos negros e posteriormente por outras correntes migratórias que influenciaram e seguem influenciando nossa cultura e nosso idioma. No entanto, segundo Nascimento (1995), apesar de a língua sofrer as diferenças sociais e as peculiaridades de cada uma das cinco regiões, que influenciam no sotaque, nas expressões idiomáticas e regionalismos, o português se mantém como fator de integridade lingüística nacional.

O acervo do léxico português tem se enriquecido, através dos séculos, por empréstimos de muitos outros sistemas lingüísticos, destacando-se o árabe, o provençal, o italiano, o espanhol, o francês, e o inglês, maior responsável pelos neônimos, ou seja, os estrangeirismo cujo termo, criado por Guy Rondeau (*apud* Alves, 1995), designa o empréstimo nas línguas de especialidade.

No início de nossa cultura, além da influência lusófona, as publicações de maior penetração eram francófonas. Hoje em dia, esta presença, ainda que insignificante, pode ser constatada em

algumas áreas humanas, mais especificamente em educação (Fiuza, 1995). A formação de nossos pais e avós teve como base a educação erudita européia e o francês foi disciplina obrigatória nos currículos escolares até a década de 50. Os anos 60 foram marcados pela educação mais técnica, de influência americana, e de ensino obrigatório do inglês, que continua até hoje. O estudo de idiomas estrangeiros, no Brasil, sempre foi influenciado por fatores políticos, sociais, técnicos, culturais etc., que determinam os modismos, principalmente na procura pelos cursos particulares.

Na década de 70, registra-se considerável aumento do interesse pelo estudo do alemão, nos cursos particulares de idiomas, talvez como consequência da assinatura do Acordo Nuclear entre Brasil e Alemanha, em Bonn, a 27 de junho de 1975, com o objetivo de fomentar a cooperação entre as instituições de pesquisa científica e tecnológica (Nascimento, 1983).

As novelas e seriados de TV, seguramente, também têm influenciado a procura dos cursos de idioma estrangeiro. Quando da realização do seriado *Italianos Graças a Deus* e da telenovela *O Rei do Gado* era moda falar palavras em italiano, e houve uma corrida em busca dos cursos de italiano. Seguramente *Terra Nostra* irá aguçar mais uma vez o interesse por este idioma. Com *A Indomada*, a procura pelo inglês, que sempre foi o idioma mais estudado, também aumentou consideravelmente. A novela mexicana também pode ter despertado o interesse pelo estudo do espanhol.

É óbvio que o inglês continua imbatível como idioma de maior divulgação. É quase impossível nos dias de hoje a inserção no mercado de trabalho, sem conhecimento do inglês, como é impraticável também uma plena realização profissional no *Mercado Comum do Sul* (Mercosul), sem que andem juntos os conhecimentos técnicos específicos da área profissional, a cultura geral e humanística, o domínio da informática e o conhecimento do idioma espanhol. O inglês se impõe como idioma universal na comunicação científica, fazendo jus ao desenvolvimento científico, tecnológico e à infra-estrutura informacional americana. Na opinião de Currás (1996), o espanhol é uma língua viva e sonora, falada em vários continentes, mas se alguém quer ser conhecido e entendido tem de publicar em inglês, como "*passaporte para a celebridade*".

Apesar de não se equiparar ao inglês, em termos de produção científica, o espanhol é proporcionalmente maior produtor e tradutor de literatura que o português, além de ser uma das línguas mais faladas no mundo, em 160 países de diferentes continentes: Europa, América Latina, África e Estados Unidos, onde, oficialmente, é o segundo idioma. Também é um dos idiomas oficiais de vários organismos internacionais, tais como *Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura* (UNESCO), *Organização Pan-americana de Saúde* (OPAS) e *Organização dos Estados Americanos* (OEA), entre outros, que publicam muita literatura em áreas especializadas.

Em termos de América Latina, o Brasil tem uma considerada produção científica, como constatou Sempere (1991). Em algumas áreas de especialização, como na Biblioteconomia e Ciência da Informação, é o maior produtor de informações da região. No entanto, não se pode comparar apenas a produção literária científica brasileira com a dos demais países latino-americanos. Ao se considerar a produção por idioma, esta posição muda totalmente, e o português fica muito aquém do espanhol que inclui as publicações latino-americanas, mexicanas européias etc., e principalmente porque Portugal tem uma insignificante produção, enquanto Espanha, segundo dados do Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia (1988), ocupa o décimo segundo lugar da produção científica mundial.

Ainda no que se refere às publicações impressas, a Abril, que domina um grande mercado, e está buscando novas oportunidades de ampliação de seus negócios, apesar de estar interessada em ultrapassar as fronteiras brasileiras, enfrenta a barreira natural, que segundo o presidente do grupo, não é geográfica, nem legal, mas cultural e lingüística (McCluskey, 1998). Além da barreira lingüística, o Brasil diverge culturalmente e tecnicamente dos demais países latino-americanos, não só pelo fato de não termos sido colonizados pelos espanhóis, mas principalmente pela forte influência americana no atual contexto econômico, social, científico e tecnológico, enquanto que os

demais países latino-americanos seguem sofrendo influência européia. Além de sermos o único País de língua portuguesa até o nosso sistema de transmissão de televisão é PaLM, quando os demais países do Cone Sul utilizam o PaLN. Estamos ilhados culturalmente e em termos de comunicação. Da mesma forma que antes da Comunidade Européia, os britânicos não se sentiam europeus, segundo McCarthy (1997), os brasileiros ainda não assumiram uma postura de cidadãos latino-americanos.

Para quebrar o isolamento internacional e regional da língua portuguesa, muitos pesquisadores brasileiros, há muito tempo, vêm divulgando o resultado de suas pesquisas em inglês, tanto em revistas internacionais, como nacionais. Segundo Leite (1998), na área de Medicina e Biologia, cita-se a revista *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, fundada há 15 anos e considerada a melhor revista da área, campeã de citações na América Latina, só publica em inglês. Nas revistas especializadas da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda muito incipiente, aparece, além de inglês, um reduzido número de artigos publicados em espanhol.

Considerando-se a afinidade lingüística do português com o espanhol, aliada à necessidade de o Brasil integrar-se melhor ao continente latino-americano, para facilitar e incrementar as negociações no Mercosul, é de se esperar que pesquisadores, empresários, estudantes e brasileiros em geral, tentem, cada vez mais, utilizar o espanhol como meio de comunicação, absorção e divulgação do conhecimento.

### **“PORTUNHOL” OU ESPANHOL**

Em termos lingüísticos, o Brasil é uma ilha na América Latina. Vivia fechado em si mesmo, rodeado de países que falam o espanhol e, quando muito, se tentava, falar um “*portunhol*” - mistura improvisada de português com espanhol - que não serve para comunicação técnica, científica ou empresarial. A consolidação do Mercosul aumenta a necessidade de os brasileiros aprenderem a língua espanhola, hoje falada por mais de 380 milhões de pessoas no mundo e que já ocupa o segundo lugar como elemento de comunicação do comércio internacional. Agora, no Brasil, está acontecendo um novo descobrimento do idioma, o interesse pelo castelhano, nome dado à língua espanhola que nasceu na região de Castilha na Espanha, bem como, pela primeira vez, valoriza-se a latinidade nos seus aspectos econômicos, culturais e lingüísticos.

Dominar uma língua envolve além do conhecimento lingüístico, o *feeling* da cultura de um povo. Não se trata apenas de fazer traduções literais ou deduções de significados de palavras que parecem com o nosso vocábulo. Pela ilusão de que entende o espanhol, muitos brasileiros, ao que parece, têm “*complexo*” de que sabem espanhol ou castelhano, e acabam se envolvendo em situações embaraçosas, como presenciada por esta autora, em seu doutorado na Espanha. O caso mais interessante foi o de uma pernambucana. Ao chegar à Espanha, durante o período da seca de 1992, quando havia muita publicidade para a economia de água, ao ler um cartaz que dizia: “*Hay sequía ahorre agua*”, interpretou justamente ao contrário: “*Havia seca, agora há água*”, ao invés de: “*Há seca, economize água*”. Outra situação constrangedora é a de um jovem brasileiro. Ao fazer um convite a uma moça espanhola, que, na dúvida em aceitar ou não o convite no exato momento, diz que dará a resposta depois por telefone. Ansioso e acreditando estar sendo gentil, o rapaz diz: “*voy te ligar mas no quiero te dejar embarazada*”. Na realidade, trata-se de uma descortesia, pois em espanhol, isto significa: “*vou transar contigo, mas não quero te deixar grávida*”.

Situações desagradáveis entre amigos podem colocar em risco o relacionamento e a estabilidade emocional das pessoas envolvidas, mas a situação pode ser esclarecida e contornada. No entanto, quando se trata de questões profissionais, o ruído na comunicação pode arruinar um negócio, custar muito dinheiro ou a garantia de um lugar no mercado de trabalho. Os empresários já começam a se conscientizar de que o “*portunhol*” não é suficiente na hora de negociar com

interlocutores da América Latina. Um brasileiro que fala o “*portunhol*” pode interpretar a expressão: “*Él contestó la pregunta con la noticia del periódico*”, como “*Ele discordou da pergunta com a notícia do periódico*”, quando a tradução correta é: “*Ele respondeu a pergunta com a notícia do jornal*”.

Justamente por serem parecidos, o português e o espanhol têm palavras que aparentemente têm o mesmo significado, mas na realidade, são coisas completamente diferentes ou até mesmo opostas. Como o espanhol é uma língua irmã, muitos pensam que é fácil e acabam cometendo equívocos que podem acarretar faltas gravíssimas de comunicação. No mundo globalizado em que vivemos, não há mais lugar para comunicações que dependam de traduções, principalmente as feitas por deduções das similaridades de vocabulário, muito menos por interpretações estapafúrdias dos falsos cognatos.

No início dos anos 90, o Brasil a caminho da globalização, abriu suas fronteiras e os produtos importados, principalmente os provenientes do Mercosul, invadiram as prateleiras dos supermercados e das lojas de departamentos, o que aumenta, cada vez mais, a necessidade do conhecimento do espanhol, para pelo menos se entender as instruções de uso desses produtos.

Considerando-se que, neste final de século, o espanhol tem, de acordo com sua incessante demanda, um papel determinante na estratégia da política internacional e da economia de mercado com vistas ao século XXI, fica devidamente consagrado e comprovado o interesse mundial pelo aprendizado desse idioma. Ao lado do inglês, é a segunda língua de uso e alcance mundial. Conta com os índices de maior projeção nas últimas décadas. Desde 1989, ultrapassou o alemão no ensino médio na França, em proporção superior a 50%. Estes dados se repetem na Holanda e Itália (ABC, 1995). Ademais, o avanço dos estudos hispânicos no Extremo Oriente - Japão, China e Coreia do Sul -, e a sólida revitalização nas Filipinas, juntamente com as altas cifras na Rússia, traçam um mapa da projeção sem precedentes do espanhol no mundo.

Em suma, o auge do espanhol é inquestionável. Na primeira conferência Hispano-Russa, realizada em Moscou no ano de 1993, destacou-se o interesse dos estudantes russos pela língua e cultura espanhola, sendo este o segundo idioma mais solicitado depois do inglês. Nesse evento, segundo o jornal ABC (1995), criou-se um novo verbo hispano-eslavo, *donquijotsvovat*, ou seja, *quijotear*, em homenagem ao universal personagem de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*. Nos Estados Unidos, a comunidade de pessoas de língua espanhola começa a ocupar cargos de responsabilidade pública, ao mesmo tempo que, cada vez mais, se proliferam os meios de comunicação que se expressam em espanhol. Se o reconhecimento e aceitação do espanhol é universal, e até nos Estados Unidos, já é o segundo idioma oficial, não há porque o Brasil ignorá-lo. Se aqui o idioma sempre foi e ainda é moda, a moda agora é o espanhol, que até pouco tempo era *démodé*, como tudo o que vinha da América Latina.

O interesse pelo espanhol não é tão recente nos demais países do mundo, porém, no Brasil, é emergente e inquestionável. Cresce, cada vez mais, o número de alunos nos cursos de língua estrangeira, registrando-se, de 1990 a 1991, aumento de 100%, conforme afirma Maris (1995). Cresce, também, consideravelmente, a opção no vestibular e a procura por cursos de espanhol de nível universitário, enquanto decresce a demanda por cursos de alemão e francês. Reitera-se, conforme palavras de Anadréa (1996), a procura crescente pelo espanhol, como consequência do avanço da integração econômica, o que como dito antes, o eleva à posição de segundo idioma estrangeiro mais estudado no País. Neste contexto, não resta dúvida de que o Mercosul é o responsável pelo “*boom*” do espanhol. Certamente, a onda do interesse está ligada às oportunidades de trabalho que surgiram com a criação do Mercado do Sul, cujos ideais de integração vieram para ficar, e num mundo globalizado, quem domina outros idiomas leva vantagem. O desenvolvimento dos negócios no âmbito do Mercosul e o contexto político-geográfico e cultural da América Latina têm provocado no Brasil uma grande procura pelos cursos de língua espanhola, como parte integrante de um processo mais amplo de aproximação cultural. Isto porque a integração cultural é imprescindível para que o Mercosul não seja apenas um grande

mercado de trocas de mercadorias, bens e serviços, iniciando-se com a comunicação efetiva da língua.

Uma das deliberações do Encontro de Escritores do Mercado Comum do Sul, ocorrido em dezembro de 1995, em São Paulo, foi a defesa da integração cultural, enfatizando a necessidade de uma política lingüística com relação ao processo de ensino X aprendizagem do português e do espanhol, nos países do Mercosul. No Brasil, o ensino do espanhol nas escolas de ensino fundamental já está em vigor em alguns estados brasileiros e para as escolas de ensino médio, o Ministério da Educação e do Desporto acaba de determinar a obrigatoriedade em nível nacional.

Apesar de sermos 160 milhões de brasileiros falando a mesma língua e o Brasil integrar o Mercosul, o que significa a obrigatoriedade do ensino regular do espanhol nas escolas brasileiras e do ensino do português nos outros países, não se pode esperar que o português compita com o espanhol, e menos ainda ficar na dependência de traduções. Assim, somos obrigados a aprender o espanhol para ascendermos em qualquer área de atuação, principalmente, os profissionais do setor da informação. Podemos ter orgulho de nossa integridade lingüística, mas não devemos nos deitar em “*berço esplêndido*”, esperando traduções ou que nossos vizinhos aprendam o português, por razões óbvias:

- ❖ O verdadeiro intelectual não confia em traduções. Lê e se comunica, quando possível, no idioma original
- ❖ Com o aumento exponencial de informações e a sua disponibilização em tempo real, não faz sentido ter acesso rápido à informação e ter de esperar pela demora da tradução.
- ❖ O português não faz parte das consideradas línguas oficiais, muito menos das de produção e comunicação científica.
- ❖ O português é falado apenas em países que não são potências econômicas, nem fazem parte dos considerados países do Primeiro Mundo.
- ❖ O português não tem expressão internacional, nem mesmo em nível de América Latina.

Para comprovar a falta de expressão do português, na *Comunidade Econômica Européia* (CEE), da qual Portugal faz parte, os produtos industrializados e comercializados na própria CEE, trazem informações e instruções de uso em apenas cinco línguas - inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. A CEE, grande produtora de publicações no campo da investigação técnico científica e econômica, recebe também significativa quantidade de informações do exterior, e mantém uma oficina de publicações oficiais que se encarrega da tradução para as diferentes línguas da Comunidade, iniciando, em 1983, um programa de investigação relativo a um sistema de tradução automática – *Eurota* -, com o objetivo de melhorar a base científica da tecnologia lingüística e criar métodos e recursos lingüísticos para a tratamento da linguagem natural (Comisión de las Comunidades Europeas, 1991).

Se a tradução faz sentido na CEE, que inclui países de nove línguas diferentes (alemão, dinamarquês, espanhol, francês, grego, holandês, inglês, italiano e português), não se justifica no Mercosul, cujos países membros falam apenas o espanhol e o português. A exemplo da CEE, o Mercosul deve instituir um banco de traduções de publicações internacionais (divulgadas em inglês, alemão etc.) para o espanhol ou para o português, mas é injustificado, ao contrário do que defende McCarthy (1997), fazer traduções do espanhol para o português, duas línguas irmãs. Sem relegar o valor do português e a importância do inglês, necessitamos urgentemente adotar o espanhol como segunda língua estrangeira, que servirá de chave para abrir as portas da Europa para o Brasil. Não só Portugal servirá de nosso intermediário na Europa, mas também e principalmente, a Espanha, que pretende atuar como nexo de união no âmbito latino-americano e europeu no campo da informação ibero-americana, e para tal, como participante da *Rede Européia de Informação e Documentação sobre América Latina* (Redial, 1992), desenvolveu um plano de Cooperação Bibliotecária, que proporcionará muitas vantagens aos profissionais do Mercosul.

## VANTAGENS DO DOMÍNIO DO ESPANHOL

Inúmeras são as vantagens que os brasileiros que dominam o espanhol podem usufruir, entre elas, o fácil acesso a um grande volume de informações divulgadas na literatura internacional; o aumento de opções de vagas no mercado de trabalho; e as proporcionadas por uma série de convênios e programas de cooperação que vêm sendo estabelecidos entre instituições brasileiras e de países de língua espanhola, tanto na América Latina como na Europa.

Mesmo ciente da importância do espanhol e da considerável demanda dessa língua por parte dos vestibulandos, a universidade brasileira tem feito pouquíssimo uso da bibliografia publicada em espanhol, considerando-se que há vasta literatura nesse idioma, que inclui, além da produção científica europeia, latino-americana, mexicana e cubana, as traduções feitas de publicações de outros idiomas, principalmente do inglês.

No estudo da literatura utilizada no ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil, Dias (1996) comprovou baixa porcentagem de textos em espanhol, o que considerou inexplicável, tendo em vista a facilidade que os alunos sentem com essa língua, se comparada ao inglês, e também pelo fato de haver um número muito maior de traduções para o espanhol do que para o português. De fato, iniciativas isoladas têm sido tomadas no sentido de incluir textos em espanhol, nas bibliografias das disciplinas desses cursos pelos professores que tiveram a oportunidade de fazer cursos de pós-graduação em países de língua espanhola. O que existe é uma certa preocupação por parte dos cursos, no sentido de compatibilizar os currículos dos cursos do Mercosul e como resultado das atividades realizadas no II Encontro de Dirigentes dos Cursos Superiores em Biblioteconomia e I Encontro de Docentes de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul, realizados em Buenos Aires, em novembro de 1997, tem-se dentre as recomendações, que os cursos ou escolas em Biblioteconomia incluam em seus currículos o estudo das identidades e da história dos países do Mercosul, assim como o inglês, o espanhol e o português, entre outras disciplinas (Harmonização, 1997).

McCarthy (1977) recomenda que os pesquisadores devem publicar nas revistas científicas dos países vizinhos, elaborando textos acessíveis nas três línguas, quais sejam espanhol, português e inglês. Ou seja, quando o texto original é em espanhol, deve vir acompanhado do resumo em inglês e português. E por outro lado, as bibliotecas do Mercosul devem priorizar a assinatura de periódicos dos seus vizinhos no bloco econômico.

Há certa mobilização dos pesquisadores na tentativa de integrar a área e divulgar seus trabalhos, em revistas especializadas de países que não os seus de origem. As revistas brasileiras, pioneiras na publicação de um reduzido número de artigos em espanhol, de autoria de pesquisadores estrangeiros, e mais incipiente ainda os de brasileiros, são: Revista de Biblioteconomia de Brasília, Transinformação e Ciência da Informação, esta última a mais propícia ao espírito integralista do Mercosul, como comprovou Nascimento (1999), na recém-concluída pesquisa sobre a *Presença da literatura em espanhol...*, nas revistas nacionais. Essa autora acrescenta ainda, que a “*presença*” da literatura hispanófono especializada em Biblioteconomia e Ciência da Informação, nas principais revistas brasileiras da área, embora em baixos percentuais, é um fato constatado tanto no que se refere a artigos publicados na íntegra como nas citações de publicações oriundas de diversos países hispanoparlantes ou não, de vários continentes. Entretanto, não se pode afirmar que esta presença seja apenas resultado do impacto do Mercosul, considerando-se que, antes da instituição deste, algumas revistas já publicavam artigos em espanhol. Por outro lado, pouco ou quase nada se conhece da presença de artigos publicados em português nas revistas da área nos demais países latino-americanos.

Constata-se também a participação de brasileiros em eventos (congressos, seminários etc.), realizados nos países de língua espanhola, onde os trabalhos são divulgados no idioma local. Os eventos e cursos de mais de 40 escolas universitárias, inclusive as brasileiras, além das da

Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, constam da publicação *Observatório Mercosul de Biblioteconomia e Ciência da Informação* (Observatório Mercosul de Biblioteconomia y Ciencia de la Información, 1988). Está na hora de os cursos de Biblioteconomia se preocuparem não apenas com a introdução do ensino do espanhol nos currículos, mas sobretudo com a utilização da literatura especializada publicada em espanhol, para familiarizar tanto quanto possível o estudante com esse idioma, que, como dito, só tem vantagens a oferecer, dentre estas a possibilidade de bolsa de estudo em países de língua espanhola e a abertura do mercado de trabalho no Mercosul.

A este respeito, o Ministério das Relações Exteriores da Espanha firmou um convênio com as universidades brasileiras e latino-americanas, em solenidade ocorrida no *Instituto de Cooperación Iberoamericano* (ICI), no dia 15 de dezembro de 1995, com a presença desta autora na condição de representante da UDESC, para assinatura do convênio denominado *Programa Inter Campos*. Tal convênio trata do deslocamento de professores e alunos dos dois continentes, sendo que a Espanha paga a vinda de professores e estudantes espanhóis para o Brasil, e a universidade brasileira, em contrapartida, fornece hospedagem e alimentação. O professor ou estudante brasileiro que se interessa em ir à Espanha custeia a sua passagem e recebe hospedagem e alimentação do governo espanhol, uma espécie de meia bolsa. Não se pode deixar de citar as vindas de doutores de universidades espanholas para universidades brasileiras, através do convênio *Cátedra UNESCO*, financiado pelo *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq). O estudante brasileiro que deseja fazer curso de pós-graduação na Espanha também pode solicitar bolsa de estudo, principalmente para o doutorado, financiada pelos órgãos nacionais de fomento: *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES); CNPq; *Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP) etc., ou pode optar pela solicitação ao ICI, que oferece bolsas inclusive em nível de especialização. Entretanto, para se usufruir de tais bolsas, é indispensável o domínio do espanhol.

Outros convênios também vêm sendo articulados entre as universidades brasileiras e as de países do Mercosul, entre elas: *Universidad Católica Del Salvador* (Buenos Aires), *Universidad de la Republica Uruguai*, e *Universidad Estatal de Paraguai*. Existem, ainda, os programas de cooperação internacional, como o *Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento* (CYTED), criado em 1984, sob o auspício do Governo espanhol e da Assembléia Geral da *Comissão Econômica para a América Latina* (CEPAL), com o objetivo de ampliar a cooperação ibero-americana, segundo informações de Sebastián (1994).

O Programa CYTED propõe-se a atuar como ponte entre a América Latina e a Europa via Espanha e Portugal. Para tal, pretende fomentar a colaboração e a cooperação entre os grupos de pesquisadores de universidades, centros de pesquisas, e empresas inovadoras dos países ibero-americanos, com o fim de incrementar a integração regional através da consolidação da comunidade científica, da transferência de conhecimento e tecnologia, visando principalmente a uma melhor qualidade de vida e ao desenvolvimento científico, tecnológico e econômico. O CYTED, com a participação de mais de 5.200 pesquisadores espanhóis e latino-americanos, constitui uma das maiores super redes de cooperação científica e tecnológica internacional, propiciando ampla projeção científica, através de eventos regionais, facilitando a capacitação e a transferência de tecnologia entre as comunidades científicas dos países participantes e, sobretudo, os intercâmbios de informação para consolidar a integração regional.

## **ORIGENS DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA PARA O MERCOSUL**

A integração de países ou a formação de blocos econômicos parece ser uma tônica dos anos 90. No entanto, é tema antigo, tratado por vários países ao longo da história da humanidade, que só se consolidou ao final da década de 50, com a necessidade de reconstrução das nações, em virtude dos efeitos danosos da II Guerra Mundial, quando seis países europeus (a ex-Alemanha Ocidental, França, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo) decidiram assinar, em março de 1957, o Tratado de

Roma. A partir desse tratado, estava criada a CCE, também conhecida como Mercado Comum Europeu, onde há liberdade de circulação de produtos, mercadorias, serviços, capitais e pessoas.

A exemplo da CEE, a idéia de integração também sempre foi uma aspiração dos países latino-americanos, discutida há muito tempo. Só após a II Guerra Mundial, começou a concretizar-se, quando um grupo de economistas da CEPAL concluiu que só a união seria capaz de retirar o continente do isolamento e integrá-lo internacionalmente (Coutinho, 1993). O primeiro esforço integracionista, segundo Almeida (1994), ocorreu com os dois Tratados de Montevidéu: em 1960, a criação da *Associação Latino-Americana de Livre Comércio* (ALALC); sucedida em 1980 pela *Associação Latino-Americana de Integração* (ALADI). Finalmente, a 26 de março de 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção pelos presidentes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, foi criado o Mercosul.

Na nona reunião de cúpula do Mercosul, efetivada em dezembro de 1995, em Punta del Este (Uruguai), foi assinado o acordo "*quatro mais um*", com a Bolívia, e o documento do Mercosul 2000, que traça as ações dos governos visando à consolidação da integração econômica (Monteiro, 1996). Em um mundo cada vez mais competitivo, a união é um fator que pode aumentar a eficiência e competitividade, tanto das economias nacionais como dos blocos econômicos, e para tal os blocos procuram se integrar cada vez mais. A integração, além de recuperar as economias dos países latino-americanos, aumenta a competitividade nacional, consolida a democracia e a cooperação regional e estabelece uma projeção da região para o exterior.

Em dezembro de 1995, em Madri, foi firmado um acordo de integração do Mercosul com a *União Européia* (UE), cujas negociações, a longo prazo, prevêm, além de grande área transatlântica de livre comércio (ou a criação de uma zona de livre comércio Mercosul-UE), maior diálogo político entre as partes e uma maior cooperação institucional (Países do Mercosul..., 1995). Para maior integração regional, em novembro de 1995, foi assinada a Ata de Assunção que institucionaliza o conselho das "*Mercocidades*", a exemplo da integração das "*Eurocidades*", com o fim de promover a integração e a troca de experiência entre as metrópoles do Mercosul (Cidades com a palavra, 1996).

Como prioridade, estimula-se a integração em nove áreas: universitária e acadêmica; comércio exterior; *ciência e tecnologia* (C&T); cultura; turismo; gestão municipal e planificação estratégica; planejamento urbano e ambiental; desenvolvimento social, educação e saúde e, finalmente, legislação e política tributária nacional. Destas áreas, a cidade de La Plata coordena as municipalidades e as universidades; Montevidéu encarrega-se do desenvolvimento social, educação e cultura; o Rio de Janeiro, a ciência e tecnologia; Salvador, a cultura e Florianópolis, o turismo (Castelo Branco, 1996).

Sem desconsiderar a existência das diferentes realidades culturais e sociais dos países latino-americanos, o modelo da integração deve utilizar mecanismos mais flexíveis, práticos e menos restritos, a fim de conduzir a região a um processo irreversível de cooperação. Com esse espírito, a *Financiadora de Estudos e Projetos* (FINEP) tenta analisar as diversas questões relacionadas à C&T no contexto do Mercosul, abrindo assim a linha de crédito para cooperação tecnológica, destinada ao financiamento de projetos tecnológicos desenvolvidos por empresas brasileiras, com parceria de congêneres dos países do Mercosul (Coutinho, 1993). Isto porque a integração, como consolidadora da paz e da democracia, não pode limitar-se apenas à integração econômica, mas abranger os mais diversos setores, como cultura, ciência, tecnologia, principalmente, tudo que diz respeito à informação, que também gera divisas e dinamiza a estrutura social e econômica. Como Castelo Branco (1996) reforça, a única forma do Mercosul não se transformar em um grande supermercado é por meio da integração cultural. Assim, propõe-se a harmonização das leis e a viabilização da livre circulação de bens culturais; além da criação de um banco de dados sobre bens culturais do Mercosul.

## INFORMAÇÃO NO MERCOSUL

O mercado de informação - ou o livre mercado da informação - é uma realidade imposta pela sociedade da informação, na qual, inevitavelmente, a informação se transforma em bem valioso e vendável. Os países mais desenvolvidos investem consideravelmente no mais recente setor da economia: o chamado setor quaternário, do conhecimento ou da informação, criado pelos economistas nos anos 60. Aliás, no âmbito do Mercosul, não existem estudos atualizados neste setor e é difícil obter dados estatísticos atualizados sobre a real situação do setor da informação documental. O Mercosul necessita e deveria investir no setor quaternário para se consolidar como potência produtiva desse promissor setor econômico.

Apesar de existir em alguns países latino-americanos, um esforço governamental para a definição de políticas e estabelecimento de sistemas nacionais de informação. Silva (1993) observa a descontinuidade de muitas iniciativas, que levam à não-institucionalização do setor.

Em 1975, nos primórdios da tentativa de se instituir o *Centro Latino-Americano de Documentação Econômica e Social* (CLADES) da CEPAL, se criou uma base de dados bibliográfica, cujo arquivo em fita magnética registrava os resumos e documentos de circulação restrita, produzidos na Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Guatemala, Peru e Uruguai (Catillo, 1982).

É evidente a necessidade de bases de dados com informações específicas do Mercosul, que registrem a produção científica da região no que diz respeito à pesquisa científica, cultura, economia e ao desenvolvimento industrial latino-americano. Em alguns países, mais precisamente no Brasil e Argentina, existem bases de dados, porém destas, segundo Cunha (1993), poucas são as de acesso público em linha ou de abrangência da produção científica latino-americana, pois a grande maioria é desenvolvida nos Estados Unidos ou Europa e poucos têm acesso a esse manancial de informações.

Para maior visibilidade das publicações latino-americanas, a *Universidad Autónoma do México* (UNAM), uma das maiores do mundo, está, segundo Gamboa (1998), impulsionando a criação de um sistema de informação sobre publicações da região, o *Index Latinoamericano de Publicações Científicas Seriadadas* (LATINDEX), além de manter as bases de dados *Citas Latinoamericana en Ciencias Sociales y Humanidades* (CLASE) e *Periódica* (Índice de Revistas Latinoamericanas en Ciencias) que indexam 20 periódicos de Biblioteconomia e seis de Ciência da Informação.

Para Cunha (1993), no Mercosul, a maioria dos provedores de informação é de pequeno porte e opera orientada para os respectivos mercados nacionais, com exceção do *Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde* (BIREME), que tem abrangência latino-americana. Os demais desenvolvem seus mercados basicamente dentro de suas fronteiras nacionais e lingüísticas. O Mercosul, portanto, deve interligar os serviços dispersos, ampliar ações cooperativas e estabelecer uma infra-estrutura informacional apropriada aos países do bloco.

À semelhança da Euronet, espera-se que seja possível a existência de uma Merconet, rede composta pelas redes nacionais de informação, como o *Sistema Público de Acesso à Base de Dados* (SPA), no Brasil. Segundo a opinião de Cunha (1989), para as bases de dados penetrarem no mercado internacional, devem processar seus dados também em língua inglesa. Neste ponto, à semelhança do que foi feito na CCE, deve-se desenvolver tesouros multilíngües - português e inglês e espanhol.

Em outras palavras, o Mercosul necessita urgentemente de desenvolver programas para incrementar o setor informacional, como faz o *Programa Europeo Estratégico de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Informação* (Esprit), o qual, segundo a Comisión de las Comunidades Europeas (1991), além de impulsionar a indústria tecnológica, proporciona a cooperação no âmbito das tecnologia da informação entre a indústria e a universidade e contribui para o aperfeiçoamento das normas técnicas.

Para a concretização de ações na área de informação para os países do Mercosul, instituiu-se, no Brasil, a Comissão Temática de Sistemas de Informação Científico-Tecnológica do Mercosul, em 24 de agosto de 1993, composta de subcomissões, com destaque para a Subcomissão Ação Programada em Informação Científica e Tecnológica para o Mercosul, que tratará a informação como substância; e a Subcomissão de Serviços de Apoio. Esta trabalhará os instrumentos operacionais da troca de informação entre os países, como o *Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas* (CCN), o *Programa de Comutação Bibliográfica* (COMUT) e o desenvolvimento de bases cadastrais sobre entidades prestadoras de serviços tecnológicos, como laboratórios, empresas de consultoria e institutos de pesquisa. Ambas estão sob a responsabilidade do *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia* (IBICT), cabendo a responsabilidade da Subcomissão de Terminologia à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conforme Quemel (1993).

Para maior integração regional, é indispensável, além do desenvolvimento de tecnologias de bases de dados e de instrumentos terminológicos, o incremento de unidades de informação para atender às necessidades latino-americanas. Se ainda não dispomos de uma infra-estrutura informacional que corresponda à necessidade atual, temos de agilizar este processo com vistas ao próximo milênio, onde a palavra de ordem é convergência.

Nos anos 60, no estágio das comunicações eletrônicas ou aldeia global, o quarto estágio da história da humanidade, segundo a divisão de Marshal MacLuhan, a frase que se tornou o símbolo da era da informação foi "*o meio é a mensagem*". Às vésperas do terceiro milênio, esta célebre frase começa a ser substituída por um novo termo, "*convergência*", referente à união entre computadores, telefonia e televisão num só meio. Essa nova tecnologia, já no mercado, segundo McCluskey (1998), é a palavra de ordem na comunicação dos anos 90, que permite receber sinais de TV no computador ou surfar na Internet pelo aparelho de TV. Na América Latina, as companhias de telefone já estão se aventurando no negócio da mídia. Nos países americanos de língua espanhola, operadoras de televisão também estão invadindo mercados vizinhos para ganhar competitividade. No entanto, as empresas da mídia brasileira, por causa do tamanho de seu mercado doméstico e das barreiras de cultura e língua, não tiveram estímulo para invadir as ondas dos vizinhos hispânicos. A convergência vai ser lenta, considerando que a população brasileira ligada à Internet ainda é insignificante. Nem mesmo todo mundo tem linha telefônica. Mas não há dúvida de que, um dia, a convergência será total e para o pleno uso dessa tecnologia é indispensável o domínio de mais um idioma.

## CONCLUSÃO

Em conseqüência da globalização e do incremento das novas tecnologias, o homem não pode viver isolado em si mesmo e nem em nações. A divisão do mundo em blocos econômicos é um fato e para que o Mercosul não se restrinja a um grande mercado, a integração e troca de conhecimentos e bens se faz necessária tanto no âmbito econômico, como no político, social, cultural, lingüístico e informacional.

No mundo globalizado em que vivemos não há lugar para monoglotas, principalmente em países cujas línguas não fazem parte dos considerados idiomas oficiais, como é o caso do português. Para um profissional se impor face à competitividade do mercado de trabalho, além do conhecimento de informática, deve ser, no mínimo, bilíngüe, acrescentando-se ainda que o conhecimento de inglês está para o uso da Internet, como o conhecimento do espanhol está para a integração do Mercosul.

Considerando-se ainda: (a) o alcance internacional do espanhol; (b) o fato de que o Brasil é o único país da América Latina que tem o português como língua oficial; (c) a dificuldade maior de entendimento do português pelos hispanos falantes do que de nós brasileiros para com o espanhol,

devido ao maior número de fonemas e acentos do português em relação ao espanhol; (d) o fato de que o castelhano falado na América Latina, apesar de algumas diferenças de cada país, é mais fiel ao espanhol falado na Espanha que o nosso “*brasileirismo*” em relação ao português de Portugal; (e) a existência da gama de informações divulgadas em espanhol; (f) o interesse por idiomas estrangeiros dentre os brasileiros, como modismo; devemos nos conscientizar urgentemente de que é a hora e a vez do espanhol, idioma de sobrevivência profissional na região, cuja penetração nas fronteiras brasileiras prolifera-se cada vez mais com o incremento do Mercosul.

A integração do Mercosul deve ser dentro e fora da região, não se limitando à América Latina, mas estendendo-se a outros blocos econômicos, como por exemplo a CEE, cujo elo é feito através da Espanha, muito mais que por Portugal; o que reforça a importância do espanhol, cujos benefícios são muito mais lucrativos para os brasileiros que dominam este idioma, que para os demais latino-americanos que dominam o português.

Reiterando as palavras de Silva (1993), se a informação é um recurso para o desenvolvimento e as atividades da chamada indústria da informação - produção, tratamento e divulgação - ocupam posição de destaque na economia dos países desenvolvidos, temos que nos inserir nesse contexto e deixar de ser meros consumidores de informação para fazer parte do bloco dos países produtores de informação, o que pressupõe publicar em idiomas de repercussão mais ampla. Isto é, para atingir a comunidade internacional é imprescindível que se publique em inglês e se queremos maior divulgação das revistas nacionais e ampla repercussão no Mercosul, devemos publicar cada vez mais em espanhol, lembrando que as chances de absorção das informações provenientes da região e do mundo se ampliaram, consideravelmente, para os que têm conhecimento do espanhol.

Por outro lado, dominar as tecnologias da informação e da comunicação é um objetivo estratégico mundial que vai se infiltrando gradativamente no domínio econômico e social, e que influi na competitividade da economia moderna, no nível de emprego e na vida cotidiana do indivíduo. Assim, a alfabetização tecnológica é tão importante quanto a alfabetização de outros idiomas. De que adianta o desenvolvimento de novas tecnologias de sistemas e redes de informação, o rápido acesso físico ao documento e às informações pela Internet, se não se pode ter acesso ao conteúdo por falta de domínio do idioma em que a informação está escrita?

Se já existe um esforço governamental nos países do Mercosul para a definição e o incremento de políticas de cooperação no setor da informação, é notória a necessidade do pessoal do setor da informação documentar a agilizar a integração no que diz respeito à geração, processamento e consumo da informação, cuja troca de experiências só vem a acrescentar e melhorar a área, além de abrir as portas para um mercado de trabalho latente, mas que ainda segue fechado em si mesmo. Este mercado potencial deve ser planejado com urgência, para que o profissional atue como controlador e facilitador do acesso à informação em um contexto onde esta, além de instrumento para o desenvolvimento científico e tecnológico, seja garantida como elemento de formação de bem de consumo e de bem-estar pessoal para todos os segmentos e níveis sociais dos diferentes países latino-americanos, e não uma mercadoria vendável disponível apenas para um pequeno grupo da elite dominante.

Com a consolidação da abertura de mercado de trabalho nesta área, em nível de Mercosul, que se encontra muito mais incipiente nos demais países latino-americanos que no Brasil, profissionais brasileiros da área de Ciência da Informação e Biblioteconomia, que dominam o idioma espanhol, terão, sem dúvida, muito mais chances de atuação e competitividade. Finalizando, nos anos 90, chegou a hora e a vez do espanhol no Brasil. Se adotamos o inglês como segundo idioma, por que não adotarmos o espanhol - segunda língua de alcance mundial - como nossa segunda língua estrangeira e terceiro idioma de sobrevivência no Mercosul com vistas ao século XXI?

## Abstract

*Latin American cultural integration is faced with linguistic questions, arising from the origin and similarity of the two languages spoken in the region, Spanish and Portuguese, in addition to shortcomings in the information sector. References to the European Economic Community highlight the need for information services for the Mercosul and reinforce the importance of Spanish, considered the second language in terms of world reach, and the advantages that this could bring for Brazilian professionals from the field of Information Science, with regard to programs of international cooperation, study grants and openings in the work market.*

## Keywords

SPANISH  
PORTUGUESE  
INFORMATION - MERCOSUL.  
MERCOSUL

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABC. Segunda lengua del Mundo. *ABC*, Madrid, 17 nov. 1995.
- ALMEIDA, M. L. Origens do Mercosul. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INFORMAÇÃO PARA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 1., Belo Horizonte, 1993. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/IBICT, 1994. v.1, p.104-107.
- ALVES, I. M. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. *Ci. Inf.*, Brasília, v.24, n.3, p.319-321, 1995.
- ANDRÉA, M. Espanhol em alta. *Rev. do Mercosul*, s.l., n. 37, p. 60-61, abr. 1996.
- BARRETO, A.H. de L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. 215 p. p. 48.
- CASTELO BRANCO, P. M.. Cidades trocam experiência. *Rev. do Mercosul*, s.l., n. 36, p. 40-42, jan./fev. 1996.
- CATILLO, J. Una base de datos bibliográficos sobre integración latinoamericana: quimera o realidad? *Rev. Lat. Doc.*, s.l., v. 2, n. 1, p. 37-38. ene./jun. 1982.
- CIDADES com a palavra. *Rev. do Mercosul*, s.l., n.36, p.58-61, jan./fev.1996.
- COMISSIÓN DE LAS COMUNIDADES EUROPEAS. *La Europa de las tecnologías de la información y de la comunicación*. Luxemburgo: Oficina de Publicaciones Oficiales de la Comunidad Europea, 1991. 72p.
- COUTINHO, H. S., M.A.C. A FINEP e a integração no Mercosul. *Ci. Inf.*, Brasília, v.2, n.1, p. 65-67, jan./fev. 1993.
- CUNHA, M. B. Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 18, n.1, p. 54-47, 1989.
- CUNHA, M.B, ROBREDO, J. Necessidade de integração das políticas de informação no Mercosul. *Ci. Inf.*, Brasília, v.22, n.1, p.7-12, 1993.
- CURRÁS, E. *Tratado sobre ciencia de la información*. Rosario: UNR, 1996. 395 p. p.152-153.
- DIAS, E. J. E. *et al.* Literatura utilizada no ensino de graduação em biblioteconomia no Brasil: produtividade institucional. *Perspec. Cien. Inf.*, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.157-176, 1996.
- DORNELLES, H. M. *Estudio lingüístico comparado del portugués americano y del español europeo*. Madrid: Universidad Complutense, 1992. 475 p. Tese (Doutorado) - Universidad Complutense, 1992.
- FIUZA, M. M. *et al.* Influência de autores franceses na literatura de educação no Brasil. *R. Esc.*

- Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 35-51, 1995.
- GAMBOA, J. O. A. Acceso a revistas latinoamericana en Internet; una opción a través de las bases de datos clase y periódica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n.1, p. 90-95, 1998.
- HARMONIZAÇÃO curricular em biblioteconomia no Mercosul. Relatório Técnico do II Encontro de Dirigentes dos Cursos Superiores em Biblioteconomia dos Países do Mercosul e I Encontro de Docentes de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul. Buenos Aires, 1977.
- INSTITUTO DE ESTUDIOS DOCUMENTALES E HISTORICOS SOBRE LA CIENCIA. España ocupa el puesto duodeno en la producción científica mundial. **Política científica**, s.l., n.12, p. 25-28, 1988.
- LEITE, P. M. A febre de aprender inglês. **Veja**, São Paulo, n.43, p. 73, 1998.
- MARIS, S. Interesse por espanhol cresce no Brasil. **Rev. do Mercosul**, s.l., n.29, p. 64-65, maio 1995.
- McCARTHY, C. M. O impacto do Mercosul sobre a editoração no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v.26, n.1, p.12-19, 1997.
- McCLUSKEY, I., BACHELET, P. Convergência, a palavra do próximo milênio. **América Econômica**, s.l., n. 135, p. 71, jun. 1998.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MONTEIRO, M. Mercado comum se amplia. **Rev. Mercosul**, s.l., n. 36, p 24-25, jan./fev. 1996.
- NASCIMENTO, M. de J. **Estudo da produção científica brasileira na área nuclear no período 1970/1979**. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ, 1983. 206 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Presença da literatura de língua espanhola, utilizada como base para a produção do conhecimento endógeno, na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação após o Mercosul**; relatório de pesquisa do Programa CNPq/PIBIC. Florianópolis: CNPq/PIBIC-UDESC, 1999. 87 p.
- \_\_\_\_\_. **Producción científica brasileña en España: estudio bibliométrico aplicado a las tesis doctorales**. Madrid: Universidad Complutense, 1995. 351 p. Tese (Doutorado) - Universidad Complutense, 1992.
- NAVARRO, A. **O tupi-guarani**. São Paulo, 1998. (Entrevista no SBT - Programa Jô Soares Onze e Meia).
- OBSERVATÓRIO MERCOSUL DE BIBLIOTECONOMIA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN, s.l, n.1, ene./jun.1998.
- PAÍSES do Mercosul se aproximam da europa. **Rev. Mercosul**, s.l., n.43, p.29, nov. 1995.
- PORAT, M. U. **The information economy**. Washington: Department of Commerce, Office of Telecommunication, 1977.
- QUEMEL, M.A. R. Comissão temática do Sistema de Informação Científico-Tecnológica do Mercosul. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n.1, p.77-80, 1993.
- RED EUROPEA DE INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN SOBRE AMERICA LATINA (REDIAL). **Repertorio de tesis Europeas sobre América Latina 1980-1990**. Madrid: Quinto Centenario, 1992. 429 p.
- SEBASTIÁN, J. El Programa CYTED: diez años de cooperación iberoamericana. **Política Científica**, s.l., n. 41, dez. 1994.
- SEMPERE, M. J. M., URDÍN CAMINOS, M. C. Producción científica de países latinoamericanos a través de las revistas españolas de ciencia y tecnología durante el periodo 1983-1988. **Revista Esp. Doc. Cient.**, s.l., v.14, n. 2, p. 143-156, 1991.
- SILVA, L. A. G. da. Políticas e sistemas nacionais de informação no Mercosul: uma abordagem preliminar. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n.1, p.71-76, jan./abr. 1993.
- SILVA, M. F. A ortografia lusofônica: breve histórico. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.4, n.1, p. 119-126, 1994.
- SILVA NETO, S. da. **Historia da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p.

455.